

CONDE D'AURORA

A VIDA DO LINHO

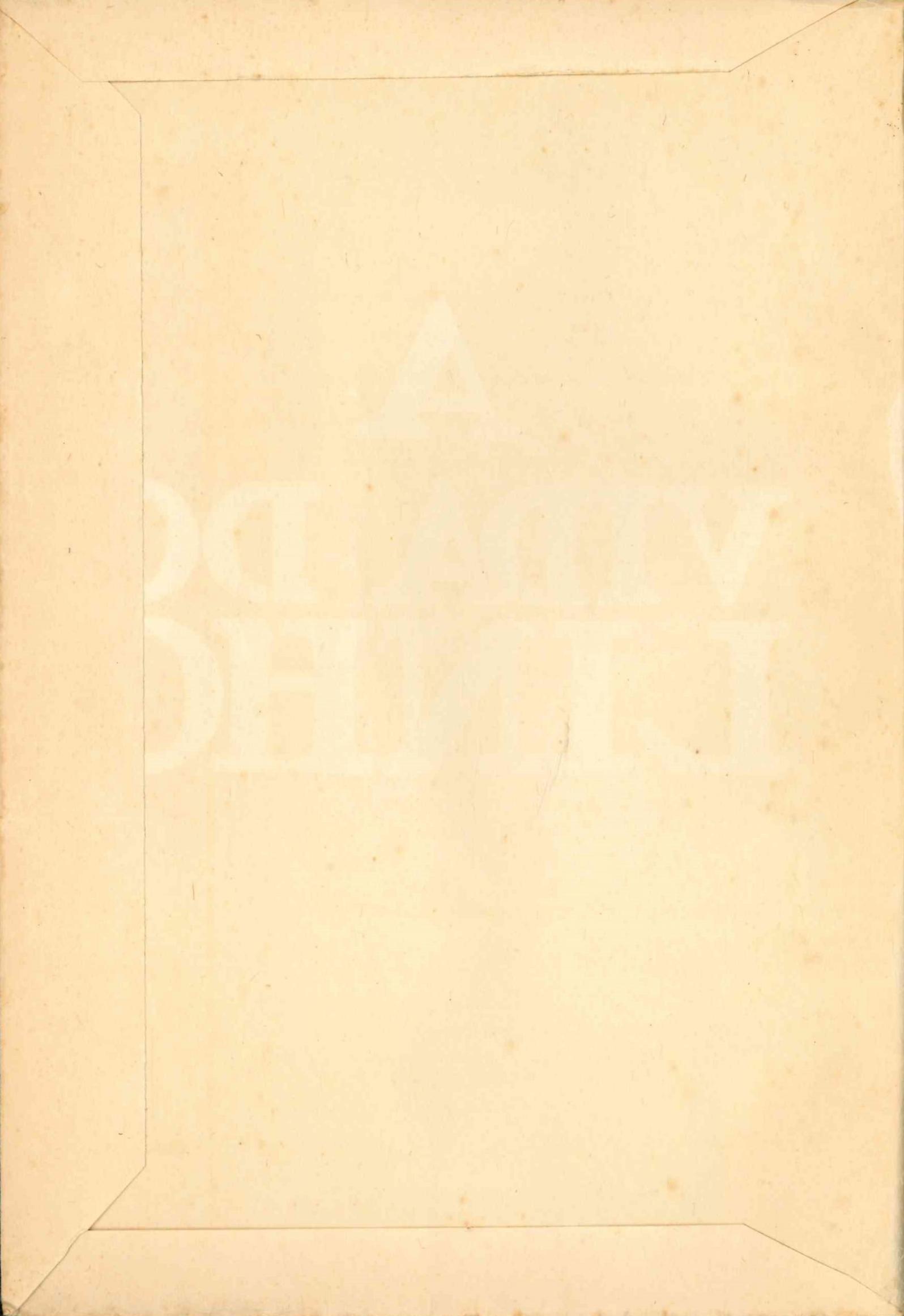


PORTO
1935



1(469)

R



CONDE D'AURORA

A VIDA DO LINHO



UNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

N^o 63487

Peru
Barcelonense

DO AUTOR:

D. ALEIXO — romance — 1921 — segunda edição

FLOR DE PECADO — novela — 1922

A TRADIÇÃO TAUFILIA DO LIMA — fora do mercado — 1924 — esgotado

A RUA DOS ITALIANOS — fora do mercado — 1927 — esgotado

ANTÓNIO FEIJÓ — fora do mercado — 1927 — esgotado

ROTEIRO DA RIBEIRA LIMA — 1929 — esgotado

PALAVRAS LIDAS NO CONGRESSO DO A. DA O. — fora do mercado—1930

DO SENTIDO DA MODERNA LITERATURA — 1930

O ESTADO E AS MISSÕES — 1931

NÓS, OS PROPRIETÁRIOS . . . — 1932 — esgotado

NUN'ALVARES — 1933 — esgotado

O PINTO — romance — 1935.

LITOGRAFIA NACIONAL—PORTO
MCMXXXV

A Vida do linho

MONOGRAFIA APRESENTADA AO CONGRESSO DO LINHO E LÃ,
CELEBRADO NA CIDADE DE BARCELOS EM SETEMBRO DE 1931
POR INICIATIVA DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA CÂMARA
MUNICIPAL, E CLASSIFICADA PELO JURI EM PRIMEIRO LOGAR

I

Embora nenhuns informes se encontrem nas estatísticas, quer nacionais quer estrangeiras, sôbre o linho nacional, não há sombra de dúvidas que essa nossa tradicional e velha cultura e indústria caseira vem decaído, por vários motivos que a diante detidamente apontarei.

Primeiramente cuidaremos da cultura do linho: tal como é feita entre nós; como tem sido feita através dos tempos; e como deveria fazer-se.

Virá a seguir a indústria caseira. Deixarei para o final as considerações, e entremearé a cultura do linho com os conselhos que me pareçam tècnicamente adequados, relatando e anotando tôdas as práticas e usanças a que darei o devido relêvo folclórico e etnográfico, pois na cultura do linho, tantas se encontram dessas curiosidades provinciais.

A maioria dos tratadistas ensina-nos que o linho é originário da Ásia ou do Caucaso e que a sua cultura é conhecida desde tôda a antiguidade.

Ferdinand Keller, no seu *Lake dwellings of SwitZERLAND*, remonta o uso do linho à idade da pedra e dá-o como usado pelos habitantes da Suíça da época lacustre.

De Candolle (*Origin of cultivated plants*) diz que o linho é a mais antiga das plantas textéis.

Parece provado que o linho primeiramente usado era o *Linum angustifolium* (planta vivaz de menores dimensões do

que a actualmente conhecida, *Linum usitatissimum*, que já foi aliás introduzida na Europa pelos Arianos e Fenícios).

Vergílio fala-nos da cultura do linho «que queima a terra» — e Columnella, agricultor romano, dizia «*Lini semen, nisi magnus est ejus in ea regione, quam eolis serendum non est agris enim praecipue noxium est, itaque pinguisimum locum et modice humidum poscit*».

E já no tempo dos romanos eram conhecidos os *linhos da Lusitania* que gozavam de grande fama em Roma.

Plínio refere-se à maceração na água, à córa e ao *maçadouro de pedra onde o linho é batido com maços de madeira. E depois passado em dentes de ferro. O que está mais perto da casca chama-se «stupa» e só serve para torcidas de lâmpadas.* (1)

Duarte Nunes de Leão diz que o nosso linho era o mais fino do mundo e que os preciosos bordados da India eram de finíssimo linho importado de Portugal.

Actualmente o linho é também cultivado para utilização industrial da linhaça, e na América, onde é cultivado em larga escala, é desaproveitada a filassa. (2)

Varia a cultura conforme se pretende explorar a filassa ou a semente, como adiante veremos.

O grande país europeu produtor de linho é a Rússia, ou seja a actual U. R. S. S. e os países que lhe foram desmembrados — países de maior exportação de sementes e de fio de linho do mundo. (Ou eram-no até há pouco, pelo menos).

Cultiva-se também o linho na Grã-Bretanha, especialmente na Irlanda do Norte, (3) e na Holanda, Bélgica, França, ex-Austria-Hungria, Itália e Espanha.

(1) *The Encyclopedia Britannica*. 11.th edition, New York.

(2) Antigamente apenas se utilizava a farinha de linhaça (e quem se não recorda das caseiras «papas de linhaça?») Hoje, o óleo de linhaça, óleo gordo, sicativo, de que a linhaça é muito rica (28%), é industrialmente aproveitado com êxito e enorme procura — e ainda se usa em *tourteaux*, para gado, e em adubos. Nos Estados Unidos e Rep. Argentina não se utiliza a filassa.

(3) Onde a produção da filassa em 1930 foi de 54.400 quintais, 20% menos que em 1929, e onde os preços do ano corrente (1931) estão por metade dos do ano passado. Cf. Rev. Int. Agricultura — Fevereiro 1931 — Roma.

E também se cultiva na Índia, Egito, Canadá e República Argentina.

Há umas poucas de variedades de linho (*Linum usitatissimum* de Linneu, família dos Linaceos).

Entre nós, à parte umas experiências feitas com sementes importadas de Riga que rapidamente degeneraram, semeamos duas variedades: o linho *mourisco* e o *gallego*; aquele, de Outono ou de Inverno, e este último de Primavera (divisão respectivamente de *lins froids* e *lins chauds* dos franceses).

O *mourisco* é o linho temporão que se semeia com as primeiras águas, a seguir ao S. Miguel, depois das colheitas, e que fica na terra durante o Inverno para ser arrancado na Primavera.

Ainda se cultiva o *abertiço*, *serrano* e *verdeal* na Beira, Estremadura e Alentejo, — sub-variedades mal definidas daqueles. (1)

Há também o linho *coimbrão* que parece ser uma sub-variedade do linho galego ou de Riga.

O linho *mourisco* abaganha muito e não produz geralmente uma fibra tão fina como a do galego; por isso o primeiro é só reservado para as terras não regadas e para aproveitamento dos meses onde não há outra cultura a utilizar.

Trataremos pois especialmente do linho galego, por facilidade de exposição, visto as operações culturais e de fabrico serem essencialmente as mesmas, exceptuando as regas.

1

Adubações

«*Si tu sèmes ton chanvre en un riche terrain tu tiens de lin déjà belle recolte en main*».

Entre nós, com excepção de algumas experiências de adubação química feitas em Estações e Postos Agrários, apenas se emprega o estrume de curral na cultura do linho. Mas

(1) Engenheiro Agronomo João da Silva Fialho, in *Boletim de Estatística e Informação Agrícola*.

como o linho é muito ávido e rápido na assimilação das substâncias fertilizantes, e como entre nós segue sempre outras culturas, é principalmente na cultura das que o precederam que se utiliza a adubação.

Não obstante a prática inveterada da nossa Província, acrescentarei alguma coisa sôbre o assunto.

«Le lin doit être cultivé en *arrière-engrais*» — dizem todos os tratadistas franceses.

No Congresso Internacional de Viena, em 1873, entre outras conclusões votou-se a de que se não deve adubar com estrume de curral senão a cultura antecedente.

Garola diz que uma cultura de linho de Riga, dando 8.330 quilos por hectare de matéria sêca, arranca ao solo:

Azote	180 quilos
Ácido fosfórico	130 »
Potassa	128 »
Cal.	153 »

isto é, o linho exige mais azote, ácido fosfórico e cal, e ligeiramente menos potassa que o trigo.

Mestre Garola chega também à interessante conclusão de que é no mês que precede a floração do linho que a planta necessita mais quantidade de elementos nutritivos. Absorve, nesse curto espaço de tempo, 77 0/0 do seu azote total, 61 0/0 do seu ácido fosfórico, 83 0/0 da sua cal e 68 0/0 da sua potassa, para formar sòmente 61 0/0 da sua substância sêca.

É pois necessário que o solo esteja em condições tais que a absorção dos elementos nutritivos se faça muito rapidamente.

Chegaremos pois à conclusão de Garola de que o linho deve ser adubado com elementos muito assimiláveis.

Temos também necessidade, quanto à adubação (e ainda ao modo de semear, como depois veremos) de saber se queremos quantidade e qualidade de filassa ou de baganha (1)

(1) «A diferença entre plantas para filassa ou para baganha é a mesma que entre *vaca para talho ou para leitaria*».

Pedigree fiber flax — Separata do «Buletin 1902» (A. C. Dillman) U. S. Department of Agriculture. 1922.

(linhaça). Entre nós procuramos as duas, mas especialmente a primeira, e não dizemos qualidade porque infelizmente em Portugal, a qualidade, ao contrário do que acontece na França, não se paga — certamente porque também não aparece a qualidade de filassa de fibra fina e longa para labores finos que na França atinge preços dobrados — pois o linho nacional não dá actualmente torcedura de número superior a 30, e o linho belga e holandês chega até aos números 100-120. (1)

Diz Leon Lacroix que:

- 1) Os adubos fosfatados e potássicos aumentam consideravelmente a produção da filassa e da baganha;
- 2) Os adubos azotados aumentam o pêso bruto da colheita sem que a filassa aumente proporcionalmente;
- 3) A filassa obtida com adubos fosfatados e potássicos é de boa qualidade e a produzida por adubos azotados é grosseira e de qualidade inferior.

Donde concluiremos: que é de alta conveniência adubar fortemente a cultura que antecede o linho; que devemos empregar menos adubos azotados e êstes sob forma muito assimilável (além de que o excesso de azote pode originar a acama e a vegetação demasiado herbácea do linho), ou seja a de nitratos.

Há variadíssimos exemplos de adubações para linho. Citarei um indicado por M. Laurent, (2) director dos serviços agrícolas do Sena Inferior (França):

Superfosfato	500/600
Potassa (sob a forma de Kainite)	600/800
Nitrato de sódio.	50/190

(1) H. Hitier et R. de S. Maurice, *Plantes Industrielles*, Paris, 1913; e *Notas Varias, in fine*, sôbre Indústria de Guimarães e Numeração do fio, no presente trabalho.

(2) *Plantes Industrielles*, ob. citada.

No seu conceituado trabalho de divulgação (1), indica Mota Prégio:

20 quilos de azote, sob a forma de sulfato de amonia;
40 it. de acido fosfórico, it superfosfato;
30 it. de potassa, it cloreto de potássio;
admitindo por hectare uma colheita de 4.000 quilos (2).

2

Afolhamento

Parece estar provado que o linho prefere não voltar à mesma terra antes de um período que chega a 20 e 25 anos.

Até se diz que não gosta do terreno que confine com o que o produziu no ano anterior (3).

Contudo nos países onde se cultiva o linho criteriosamente os afolhamentos são respectivamente de 5, 7, 8 e 9 anos.

Na Bélgica, na Flandres Ocidental, varia de 5 a 10 anos; de 5 a 9 no Brabante, e no Hainaut, de 7 a 20 (4).

Um exemplo de rotação:

- 1.º — Colza
- 2.º — Trigo
- 3.º — Batata
- 4.º — Trigo e trevo
- 5.º — Beterrabas, favas e batatas
- 6.º — Aveia
- 7.º — Linho e nabos
- 8.º — Trigo

(3) *Aubos e terras.*

(4) Citam-se estes números e estes tratadistas, não esquecendo o atraso mundial em que estamos no momento presente sob este aspecto, e a renovação (ou revolução) que os modernos trabalhos russos e americanos (e outros que virão) estão causando. Mas, à falta de melhor, vamos seguindo os velhos métodos...

(1) *Cultura e maceração do linho.* Direcção Geral de Agricultura — 1890. Sem nome de Autor, Imprensa Nacional.

(2) Alfred Renouard, Fils. — *Études sur le travail des lins, s/ data* (Paris, 1875?).

Sementes

É assunto que entre nós está por tratar (ou quási). O nosso cultivador vai empregando sempre a mesma semente, esquecendo-se dêste princípio fundamental: que o linho colhido para filassa é apanhado antes da maturação completa da baganha — e, lá fora, quando se quer utilizar a semente, deixa-se o linho secar em pé, além de serem semeadas mais raras, essas terras. (1)

Parece provado, sem sombras de dúvida, que a melhor semente de linho é a de Riga, de que a França faz anualmente grande importação.

Sabido é também que a semente degenera rápidamente, isto é, para dizer com propriedade, *perde mais rápidamente as suas qualidades originais*.

Em França chama-se *lin de tonne* à semente importada directamente de Riga (porque vem em barris de origem) — e *lin d'après tonne* o do ano seguinte, a que poderíamos chamar *linho de primeira geração*. Êste produz menos que o outro, mas dá às vezes uma qualidade de filassa mais fina e sedosa que o de origem.

Em tempos antigos, na época áurea do linho em Portugal, também nós importávamos semente de Riga (e daí certamente a variedade de linho de Riga e *linho de fóra* ainda hoje conhecida).

Luís António de Freire Seixas Sotto-Maior, no seu «*Traçado Instructivo da mais útil cultura, fabrico, efeitos e comércio dos linhos*», diz-nos, em 1804, que temos de importar sementes de Riga, pois «o linho nacional é muito curto para Holandas, Esguiões e Cambraias».

Diz-nos ainda que «nos terrenos de linho de nome Donzellas e Monte Alvão que são os mais excelentes, há linhos

(1) Hitier *ob. cit.* E, no final deste trabalho, opiniões modernas contrárias.

chamados Porquinho, Padre-Nosso, Santo e Mato, de qualidades inferiores». Já na Guarda se fizeram, em 1780, ensaios de semente de linho de Riga que rãpidamente degenerou.

(Nas nossas estações agrárias teem-se feito ensaios e obtido fibras de notável valor, mas, por razões de ordem vária, e certamente porque outros problemas merecem a atenção dos técnicos e estão por estudar assuntos de muito mais palpitante interêsse para a economia nacional — não proseguiram, e em Portugal nada há feito).

Partindo pois do princípio de que entre nós *não se adubam convenientemente os linhares, não se seleccionam as sementes e não se pratica criteriosamente o afolhamento*, entremos pròpriamente na cultura do linho em a nossa Província de Entre-Douro-e-Minho, e comecemos o que poderei chamar «A vida do linho».

II

A VIDA DO LINHO

1

Armação da Terra

Raro é o lavrador que não reserva para o linhar um pedaço das suas terras, geralmente as mais bem expostas, mais regadas, de melhor solo. Não costuma semear mais do que o necessário ao bragal caseiro ou ainda ao pagamento da renda em linho, muito usada nos arrendamentos da região.

Necessitando o linho um clima dôce, húmido, regular, onde possa vegetar sem interrupção para dar boa filassa, temos o clima ideal, nós os minhotos.

Requisitando uma terra de aluvião, de terrenos profundos, móveis e permeáveis, ricos em humus, (1) terras soltas, frescas e fundas, sílico-argilosas — unimos a terra escolhida ao clima preferido.

Raro é pois o casal que o não cultiva, em sua leira de um oitavo, um sexto, raro meio hectare. E mais o *galego* que o *mourisco*, no geral.

«*Se queres fava e linho
Semeia pelo S. Martinho*»,

deve ser coisa do Sul, onde é apreciada a fava. Nós cá somos como os franceses,

«*C'est juin qui fait le lin*».

Semeado de 15 de Abril a 15 de Maio — e não esquecer «*que vale mais a estôpa de Abril que o linho de Maio*».

Há quem tire duas colheitas seguidas, de linho galêgo, na mesma terra, colhendo a primeira no S. João e lançando logo

(1) Damseaux. *Plantes de grandes cultures*, Bruxelas, 1844.

nova semente à terra que vem a dar em Setembro um chamado linho serôdio, de pouca linhaça, mas bom e fino. Usa-se ainda no Alto Minho e já era método conhecido na época aurea da cultura do linho em Portugal (1).

O lavrador minhoto prepara o linhar como um alfobre.

Lavrado, gradado e *engaçado* cuidadosamente com engaços de madeira e de ferro para o destorroar.

Como geralmente o arado empregue é o da região (pouco diferente do romano), enquanto lavra um ferro, e duas ou três juntas o puxam no meio da algazarra de homens, mulheres e garotos, e o característico grito do boieiro corta o ar diáfano da Primavera e se ouve a quilómetros — uma legião de mulheres *pica a leiva* que o arado não volta.

(Como todos os trabalhos do Minho são feitos *de favor*, com ajuda uns dos outros, só pelo comer, e representam uma série de diversões, ainda vai sendo possível esta cultura minhota, tôda descantes e alegria).

Em algumas localidades já na lavra do linhar surge uma curiosa costumeira tradicional: quando anda no grupo a namorada do rapaz que pega na rabiça do arado, corre pressurosa a colocar na charrua um ramo de flores todo embrincado e ataviado (em Celorico de Basto o ramo traz dôces, *cavacas* e um frasquinho de *vinho fino* atado com *linhos*).

Geralmente o linho *galego* é semeado conjuntamente com milho, milho chamado de *entre o linho*, pois *traslada* melhor que o vulgar. Presumo que é milho igual às variedades usuais da região mas adaptado por várias gerações à cultura de entre o linho.

Na região de Guimarães (importante, certamente o mais importante centro da zona linheira portuguesa) chama-se *linhal* a um milhão branco de colmo comprido e delgado que se semeia entre o linho (2).

Também se semeia (mas não na generalidade como acontece com o milho) feijão de *entre-o-linho*.

(1) *Tratado instrutivo*, etc. de Luís Sotto-Maior, *ob. cit.*

(2) *Tagilde*, Oliveira G. cit. por Alberto Vieira Braga, in — *Provincialismo Minhotos* — Guim. 1920.

Primeiro semeia-se o milho, depois o linho, na proporção (embora varie um tanto e não o façam por regra fixa) de 1 para 3 e 1 para 4 — ou seja 80 a 100¹ de milho por hectare e 300¹ a 350¹ de linhaça.

Mas como geralmente são courelas pequeninas e muito irregulares, varia bastante, além de mudar de sub-região para sub-região.

Semeia-se bastante basto, pois se entre nós se dá certo valor à linhaça, o fim em vista é colher linho para as necessidades do casal.

Distribui-se a semente à mão, sem excepção.

Casas estrangeiras possuem semeadores mecânicos para linho, mas teem o alto inconveniente de não servirem senão para distribuir *semente de linho* — não se podendo facilmente adaptar a outras sementeiras.

H. Hitier e R. de Saint Maurice (trabalho retro-citado) indicam para a pequena cultura uma fácil adaptação dos semeadores vulgares de sementes de pragrana.

Consiste em substituir os tubos de descarga por outros mais curtos, cuja extremidade inferior assente sôbre uma pequenina prancha colocada em ângulo de 45.º, prancha eriçada de pregos que repartam a semente uniformemente.

A prancha pode ter tôda a largura do semeador, com os pregos a 4 centímetros de distância uns dos outros — e ficaria a 0,30 de altura do chão.

Isto é sòmente prático para quem semeia «alguns hectares apenas». Grande demais para nós!

Para ter muita filassa e de boa qualidade deve semear-se *basto*. Quando se semeia *raro*, as plantas engrossam, ramificam e dão filassa ordinária. Há também o perigo de semear basto de mais e a planta estiolar.

«*Lin semé dru fait linge fin*» — dizem os franceses.

Creio que é desconhecido entre nós o *linho arjoado* (assim me permito traduzir para minhoto o *lin ramé*) (1).

(1) A. T. Silva Menezes, na sua tésese de fim de curso agronómico (Coimbra, 1891), refere-se à ramada ou ramagem, trabalho *não desconhecido entre nós mas pouco freqüente*, como defesa contra a acama. (Assim

Usa-se muito nas regiões de França onde a cultura é feita com mais esmero para obter filassa de alta finura, como seja para as celebradas rendas de Valenciennes.

Não me alongarei sôbre o caso esperando que se façam tentativas de arjoar o nosso linho, se se tomar novamente a sério essa cultura quási abandonada e desprezada (1).

Antes de semear, devia fazer-se um ensaio de germinação que entre nós já empiricamente se usava no século XVIII — mas neste momento estamos ainda muito *atrasados* para isso.

No ensaio da germinação verificar-se-ia se a semente nasce por igual, e portanto se é boa ou não, etc.

Quanto à semente, diz ainda Heuzé (2) que a sua côr deve ser uniforme, castanho claro e castanho azeitonado, (3) brilhante, grande e que a ponta deve ser ligeiramente arrebitada em gancho — e o mesmo referem os grandes tratadistas do Norte-America onde êste estudo tem atingido um grau de perfeição incalculável para nós, românticos sonhadores peninsulares do Império Romano do Ocidente!

Êstes trabalhos começaram em 1909 com Mr. A. E. Mayland, e pelo método dos *tests* têm chegado a resultados pasmosos.

Chegaram também os norte-americanos à conclusão de que o número de sementes por cápsula (*per boll*) é uma característica hereditária associada com a vitalidade da semente — boa vitalidade: número alto de sementes por cápsula, e vice-versa.

Voltemos ao ponto.

A linhaça é pois semeada à mão, entre nós. Deve fazer-se

é na nossa Província; não está em uso, nem creio que jámais tivesse estado, e nos velhos tratadistas portugueses que compulsei, apenas vi referências numa monografia inédita do século XVIII apresentada por Frei José da Expectação à «Sociedade Económica» de Ponte de Lima, a que adiante farei ligeira referência, e que à presente *Exposição do linho e lã de Barcelos* é também apresentada por mim).

(1) Receando a *acama* nas térras muito férteis e fortemente adubadas, colocam-se *ramos* para a planta se apoiar — e até forquilhas e régoas, formando *latadas*.

(2) *Plantes industrielles*, Paris, 1893.

(3) Francisco Silveira afirma que a linhaça deve de ter uma côr de avelã ou de canela.

uma sementeira cruzada — e de manhã ou ao cair da tarde, quando não há já vento.

(É ocasião de lembrar que o lavrador do Norte nunca inicia uma sementeira de responsabilidade sem se concentrar primeiro, se recolher e se benzer, cabeça descoberta, pleno campo:

«Em nome do Padre e do Filho, e do Espírito Santo...»)

Semeado o campo é gradado e às vezes até engaçado — e passa-se-lhe ainda a grade de costas (fazendo de *rôlo*, instrumento cuja existência o minhoto ignora).

Depois é *enleirado*, por causa das regas.

Isto é, abrem-se regos largos, paralelos (regos-mestres) a tôda a largura do campo ou no sentido da melhor orientação da réga, e aí a uns 3 metros de distância uns dos outros. Estes são ligados por outros regos mais estreitos. Fica assim o terreno dividido em quarteirões e leiras.

Terminados êstes trabalhos, vai buscar-se um ramo que se espeta no meio do linhar. Que ramo, e para quê? Um ramo de trovisco, na região da Ribeira Lima, ou de cardo, na de Coura. Para afugentar as bruxas. (As sementes de trovisco são venenosas e até se costumam às vezes misturar nas sementeiras muito atreitas à passarada. O cardo è para picar as bruxas...).

Para Guimarães, principalmente, os lavradores marcam a porção de terreno onde semeiam o linho (geralmente parte apenas de uma folha de terra, prado ou leira), com ramos a que chamam *balizas* e que a tradição diz deverem ser tirados de *árvores de fruto*.

2

Regas

O linho aparece muito ràpidamente, lindo tapete do verde mais lindo do nosso verde Minho: três a oito dias depois de semeado começa a *agrilar* — e deve ser um arrelvado muito unido para augurarmos bem da sementeira.

(Entre o 3.º e o 5.º dia, para maior precisão, diz-me uma autoridade rural no assunto, da região da Ribeira Lima.)

Lembra o ditado que:

«O linho deve levar nove aguas.»

A primeira rega dá-se-lhe, regula aí 3 semanas depois de semeado, ou seja quando atinge 0,12 a 0,15, que aqui chamam *estado de pinheirinho*. (Rega-se também frequentemente logo que atinge 0,10).

A primeira rega deve ser dada com o maior cuidado, quanto à quantidade de água (que o não deve cobrir) e à sua velocidade (não o deve deitar).

Se o campo ou leira poder ter sido amanhado de fôrma a ficar perfeitamente plano, a rega faz-se com facilidade. Se não, tem que se guiar a água com um *rôdo* (meia lua de madeira) ou mais vulgarmente um *vasculho* que é uma bóla de fetos (*fentos* se diz no Minho) enrodilhada numa sarapilheira.

A rega deve ser feita pela hora de menor calor — o excesso de sol na rega, queima (*alampa*).

Outro ditado nosso: «o linho deve regar-se de caroça».

(Não posso nem devo alongar-me sobre águas, capítulo que não é chamado a êste trabalho. Que epopeia não se escreveria sôbre as «águas do Minho», águas de *torna-tornarás* ou de *tape-tape*, águas partilhadas, juiz das águas, partilha judicial, partilha amigavel... esperas, contendias, feridos, políticas...).

O linho é geralmente regado por águas de levadas, raras vezes por estanca-rios (essa instituição minhota de sonoro nome castelhano) e quási nunca por águas de poços ou elevada por bombas, carneiros hidráulicos, etc.

Conforme o terreno e a facilidade da rega, assim se gradua, não sendo possível asseverar com precisão qual a quantidade de metros cúbicos de água necessária por hectare.

3

Monda

Entre nós monda-se o linho, das hervas daninhas, quando atinge a época de floração, isto é, ao fim de trinta dias

aproximadamente. Há até quem despreze a monda... Mas, por mais cuidada e expurgada que ande a terra deve fazer-se, pois sempre as plantas ruins aparecem no linhar. É a *górگا*, que muito se assemelha ao linho, a que mais aparece entre nós, o *pampilo* ou *rosa amarela*, os *labrestos*, etc.

É gravíssimo inimigo do linho a cuscuta (1), (*podagra lini*) também conhecida por *linho de raposa*, parasita vegetal raro entre nós, que resiste ás mondas e cuja semente se conserva nos linhares, debaixo da terra — e até resiste à digestão dos animais, diz na sua tese de formatura, em 1879, M. R. Gondim, e sobre o mesmo assunto e mais modernamente se não com mais autoridade, citarei eu o tratadista Demoos (2).

A monda deve ser feita por mulheres e crianças, descalças, caminhando na direcção contrária ao vento, para este endireitar as plantas tombadas pelas mondadeiras.

Lá fóra monda-se tantas vezes quantas necessárias, chegando a faze-lo logo que a planta atinja 5 a 7 centímetros de altura.

Como a monda é uma operação dispendiosa e morosa, e os carneiros não comem a planta do linho, experimentou-se fazer este trabalho soltando rebanhos de carneiros a pastar nos linhares, o que não deu resultado, porque não arrancavam, nem sequer comiam por completo, tóda a planta daninha (3).

4

Arranque (4)

A colheita do linho é feita, arrancando-o, porque a fibra convém que tenha o maior cumprimento possível, e prolonga-se até à raiz.

(Como o arranque é custoso pela carestia e falta de mão de obra, em certos países de grande cultura como a Norte-

(1) *Epithymum* (*Flora de Portugal*, D. A. P. Coutinho); *epilium*, segundo outros.

(2) G. Demoos. *Lin, culture et rouissage*. Paris, sem data.

(3) Renouard. *Arts textiles*, op. cit.

(4) Diz-se também *arrigar*.

-América onde apesar-de se dizer que se produz apenas baganha, a filassa interessa o produtor, teem surgido vários tipos de arrancadores mecânicos).

O linho é arrancado — visto que entre nós se tem em vista a utilização da filassa — antes do amadurecimento completo das cápsulas, ou seja, quando elas começam a abrir e os caules a amarelecer.

Arrancando cêdo de mais fica a filassa mole, sem nervo; arrancando tarde obtem-se quantidade maior mas de inferior qualidade. A melhor filassa é a colhida durante a floração.

Para a utilização da baganha como semente, deveria a parte do linhar a isso reservada ser colhida depois da completa maturação da capsula (1).

A apanha do linho, é um dos mais belos e curiosos espectáculos desta pitoresca e cenográfica Província.

Começa pela cerimónia da *rebolada*, muito em desuso no Alto Minho e apenas hoje seguida em Cerdal (Valença).

Acasalam-se os que aparecem para a arrancada (e por essa região basta anunciar-se que o sr. Fulano faz tal dia sua arrancada e tocar a buzina manhã cedinho, para grande número de pessoal se lhe ir oferecer *de favôr*, só pela comida) — e bem unidos, abraçados e pernas cingidas, *rebolam* o linhar a toda a extensão.

É curioso, é de efeito, ver 10 a 15 pares rebolarem-se por um extenso linhar de 4 a 5000 metros quadrados!

Em Santo Tirso, onde da parte do concelho contigua ao de Guimarães se colhe bastante linho, e na outra parte menos mas o bastante para uso doméstico e pagamento de pensões, tira-se à sorte (mão com pedra mão sem pedra) qual o casal que rebola o linho; chama-se a esta rebolada, *talhar a camisa*. Às vezes faz-se também por escolha, ou eleição direi com

(1) Segundo o Sr. Pio Correia (*Fibras textis e cellulose*), experiências realizadas em 1916 e 1917 no Egipto e na Inglaterra, provaram que as plantas que atingiram o seu completo desenvolvimento e forneceram sementes para extracção de óleo, foram precisamente as que deram melhor e mais quantidade de filassa, 24 0/0, quando 16 0/0 foi sempre considerada boa percentagem. A generalidade dos tratadistas refere o contrário...

mais propriedade para este caso (o que prova que nem sempre os resultados dos métodos eleiçoeiros são nocivos!) (1).

O linho arrancado é posto em *medas* ou *enroleirado* (pôr em rolos), mais geralmente levado em braçados para uma eira que *ad-hoc* se faz no próprio campo onde entre nós se pratica a primeira operação que se segue às da cultura que estão terminadas, entrando pròpriamente nas de indústria caseira:

5

Ripada

No próprio campo se espeta no chão o *ripo* (ripanço, ripa, ripadouro, ripador) para junto do qual se encaminham os feixes do linho.

No Alto Minho esta operação segue imediatamente o arranque. Noutras localidades deixa-se enxugar algum tempo o linho, o que é melhor prática e certamente se usou por aqui e caíu em desuso pelo tempo.

Há duas espécies de ripo: ou um taboão forte, comprido, de que se enterra no chão um bom metro, tendo uma cavidade redonda (para se arrancar com uma tranca fazendo de alavanca) e que é terminado por uma fiada de dentes fortes de ferro — ou um pranchão largo que se amarra a qualquer esteio ou arvore.

Há-os simples e dobrados: para trabalhar um homem de cada lado ou dois homens (este trabalho é violento e é sempre feito só por homens).

Terminada a ripagem fica dum lado a baganha (também

(1) Na freguesia de Linhares (há muitas freguesias, lugares e mais toponimicos e antroponimicos que denotam a antiguidade e importancia do linho na Província) do concelho de Paredes de Coura, era antiga superstição, hoje caída em desuso, que a donzela que na madrugada de S. João se rebolesse sobre o linhar seria fecunda quando casasse. E faziam-no tal qual nos diz Camões que andam as ninfas entre os bosquêdos...

Este caso não deve ser único, pois A. V. Braga nas *Tradições e Usanças Populares*, de Guimarães, diz-nos que há quem se esfregue no linho na manhã de S. João para ficar sempre córado ou se livrar da comichão.

se lhe chama *bagarela* para Guimarães) e para outro a filassa que é posta em feixes para seguir para o *alagadouro*.

Os feixes ou molhos do alagadouro variam de terra para terra.

Geralmente são pequenos e já colocados em cruz uns sobre os outros como hão-de ficar depois na água.

Fazem-se molhos de *quatro vincos*, em Refojos do Lima; molhos ou feixes regulando 10 quilos, para Gemieira; pequenas modalidades regionais e tradicionais, de freguesia para freguesia até.

Zélo de indepêndencia, rivalidade e *chieira*...

Linhaça

A baganha que foi separada na ripagem é apanhada e deitada ao sol, umas vezes imediatamente, outras depois de guardada a compor à sombra (uns quatro dias se usa no Alto Minho).

Passa-se depois num crivo de arame e a seguir num de pele, chamado *criva*, de buracos muito pequeninos por onde é peneirada a linhaça.

6

Maceração

O linho, ao contrário do algodão e outras plantas texteis, (e daí a dificuldade na sua preparação), tem a fibra revestida de uma substância gomo-resinosa, insolúvel, que há umas dezenas de anos somente, a ciência descobriu ser a *pectose*, (vidé Apendice dêste trabalho):

Daí a necessidade, na industria caseira, da maceração.

Vai pois, do eirado, após a ripagem, em carradas ou em feixes à cabeça para o rio ou para as *poças*.

(Não se usa entre nós a maceração ao relento conhecida nos centros produtores estrangeiros).

Na região de Guimarães, mórmente, e por outras localidades, é um acompanhamento festivo, o *enriar* (ir botar ao rio).

Se a curtimenta é feita no rio (onde há que pagar 14\$00 actualmente ou sejam 2\$00 de papel selado, 2\$00 de selo e 10\$00 de *encher o requerimento!*), é coberto com ramos carregados de grandes pedras.

Consoante a temperatura da água, e se é ou não corrente, assim demora mais ou menos dias, podendo dizer-se que na água corrente e segundo as localidades e usos, demora entre quatro a onze dias.

Nos rios é também frequentemente coberto com areia, abrindo-se uns buracos no leito do rio, onde o linho é empoçado.

Para se retirar o linho da água chama-se geralmente um práctico que vem ver se está *tiradouro* (Fradesso chama à *máda* tirada neste caso do feixe, *provadoura*).

Verificado que está no ponto, isto é, que as fibras estão soltas, retira-se da água para ser enxugado.

(As melhores águas para a curtimenta do linho são as de nível constante, corrente vagarosa, límpidas, frias e pouco calcáreas (1). Em França e na Bélgica usa-se macerar o linho depois de guardado durante dois e mais anos, o que provoca uma curtimenta uniforme, dando muito boa filassa.

Também se chama ao enriar, ou empoçar, *alagação*.

7

Enxugo

Retirado da água é posto a secar sôbre um mato novo, bem espalhado, de modo a que o ar circule bem por todos os lados. Geralmente é estendido nas partes altas das propriedades.

Costuma enxugar num espaço de tempo correspondente áquele em que esteve empoçado, diz a sabedoria popular. Há também o ditado «que seca em 9 manhãs...»

(1) Hitier, *op. cit.*

Malha

Há hoje muito quem despreze esta operação (e por estas e outras é que o nosso linho não é o que era!...)— raro usada na actualidade.

Coloca-se o linho na eira disposto em camadas semelhante a escamas de peixe, no princípio e no fim das quais se coloca um pau (viga) bastante pesado, ficando assim a eirada firme nos seus extremos. Então, com o emprego de manguais, malha-se o linho até ficar completamente esbulhado das matérias estranhas em aderência (1).

Alagadoiro

Deveria voltar a enlugar-se, e aqui diz a sabedoria minhota (aliás falível) que pôde então ficar de môlho o tempo que se quiser sem perigo (não aconselho a experiência desde que se descobriu o *bacillus amylobacter* de que adiante latamente tratarei).

Novamente se séca; antigamente ia então ao

Maçadouro

operação que consistia em colocar o linho estendido sôbre uma vasta pedra onde era batido com *maças* (ou *maços*) de madeira empunhadas por homens que se colocavam à roda da referida pedra.

(1) Manuscrito limiano inedito, de 1870.

Nota:— Torna-se necessário lembrar que a planta do linho, vista ao microscópio, mostra nitidamente fibras que depois de desaglutinadas dão a parte de filassa textil, a parte central lenhosa e a parte externa ou tecido cordial ou parenquima.

Para a separação de fibra de uma e outras, e das fibras entre si, é que são necessárias estas diferentes operações.

Era curioso, árduo, difícil e operoso o trabalho de maçar — e daí saía o linho em condições que hoje não possuí, infelizmente.

Relata Fradesso que «para maçar o linho cada homem traz um maço e luva de couro que se ajusta na palma da mão esquerda.

É batido o linho e de vez em quando esfregado na mão da luva para a separação da caruma ou casca já quebrada pelo instrumento».

Ainda há muito pouco tempo era usado o *maçadouro* no Minho, existindo ainda um, enorme, na vizinha frèguesia de Fontão (Ponte-de-Lima), para não irmos mais longe.

Os maços costumavam ser de madeira pesada, buxo, japoneira ou oliveira, cilindricos como um rolo de cozinha, um pouco em fórmula de garrafa, correspondendo ao cilindro gargalo a parte onde o operario lhe pegava.

Um que possuo, de oliveira, pesa 0,^{kg.} 900.

Hoje em dia, na generalidade, emprega-se o *engenho*, e a filassa vai nesta altura (depois do enxugo que se segue ao alagadouro e apenas com um só empoçamento e sem ser malhada, para a

11

Moagem

Embora todos mais ou menos rudimentares, variando ligeiramente, constam os *engenhos* de um tambor, de 20 a 22 cilindros estriados (à excepção geralmente do de entrada, para não apanhar a mão do *engenheiro*) e de duas alavancas suspensas por cordas e pesadas pedras.

Do taboleiro vai o *engenheiro* servindo o tambor (geralmente de sobreiro) que faz uma *restolhada* medonha quando trabalha em falso sem linho.

Às vezes o linho é massado segunda vez, conforme necessita.

O engenho trabalha a água, geralmente servindo-se de qualquer lagar de azeite ou moinho em cujo alpendre é toscamente montado.

O *engenheiro* é pago à maquia, ou ao dia ou meio-dia, ou à hora.

A maquia em Celorico-da-Beira é de 10 % (recebe a décima parte do que fabrica) moendo uma média de cinquenta estrigões de 2 1/2 a 3 quilos diários.

Na Ribeira Lima é pago à hora (na época corrente do verão de 1931, a 2\$00 a hora se é a sêco, ou 1\$50 se se lhe dá de comer) ou ao dia (25\$00 por dia, 12\$50 meio-dia).

O engenho paga de contribuição anual 47\$00.

(*Maçã-do-linho*, chama-se em Guimarães à porção de linho, 1 1/2 quilo aproximadamente, que o engenho móe de cada vez).

Do engenho sai a filassa em mantas (cada *manta* regula 3 pares). A própria palavra o indica: sai cada porção moída, numa espécie de manta que depois é caseada em estrigas.

Nova operação:

12

Espadelada

ou *espadada*, chamada em Paredes de Coura *gramada*, por corrupção (1).

Esta operação consiste em eliminar as arestas que ainda ficaram aderentes às fibras e separar das fibras finas que produzem o *linho*, as grossas que dão as linhagens e às quais se chama tomentos.

(1) *Grana* ou *gramadeira* era um antigo aparelho de madeira (de couçoeiras de sôbro) com uma alavanca e charneira onde o linho era passado apertando a estriga sem pancada, ao contrário do que acontece na espadelada, mas apenas com uma forte pressão. Aconselhavam os antigos a aquecer o linho, antes de gramado, e assim se faz hoje muito, quer «aquecendo-o ao sol na vespera da espadelada, guardando-o depois em grandes cestos ou dornas, tapado com cobertores e outras roupas que interceptam o ar e não o deixam arrefecer» (Ms. citado), quer metendo a espadeladeira a estriga seguinte entre as pernas, enquanto espadela. O linho, aquecendo, larga muito melhor as partes lenhosas. Antigamente, depois de gramado, o linho era molhado segunda vez para lhe sair bem a gôma-resinosa e «receberem menos poeira as espadeladeiras que lhes entra nos pulmões, e no estomago com a saliva». Na segunda molha era «esfregado, lavado e torcido, na água. Depois, passado ligeiramente na grama, ficava óptimo para ser espadelado.» (*Trat. Instruct., op. cit.*)

Êste trabalho é feito sempre por mulheres, batendo com a *espadela* na borda do *cortiço*.

Há varios tipos de cortiços e de espadelas, variando de região para região. O cortiço é geralmente um anel tirado a um sobreiro e cosido com vime; cilindro com um metro e pouco de altura.

Em Melgaço, por exemplo, são pequeninos, e as espadeladeiras trabalham sentadas, pousando o cortiço sôbre um cesto.

Em Barcelos são de madeira, e alguns antigos tratadistas lusos desaconselham o uso da cortiça por ter as arestas vivas e quebrar a fibra da filassa; quer parecer-me que não lhes assiste plena razão, porque a cortiça é mais elástica que a madeira, e portanto dá o resultado contrário, desejado.

Geralmente a espadelada é na eira, cada moçoila de pé ao lado do seu enorme cortiço que trouxe à cabeça. Com a mão esquerda vai tirando manadas do estrigão que tem dêsse mesmo lado e que pousa na borda do cortiço, *derreando* e *cascando* com a espadela que vai brandindo rápidamentee com a dextra. (A não ser nas terras onde da manta já se fizeram as estrigas).

Cada estriga ou manada regula por 100 gramas. O afusal tem 24 *pares* ou sejam 48 *mãos* e deve pesar uma *pedra* («pedra de linho», medida, vidé notas finais).

Ruim espadeladeira que não abate seu afusal por noite. Logo que o termina começa então a ser menos apressada e a dar mais atenção aos namorados, às cantigas, às graças, aos ditos, às partidas, a tôdas as mil diversões que formam a espadelada — pretexto de reunião, como a esfolhada, para um dos mais alegres espectaculos sociais dêste tão social e folgazão Minho.

Como nas decamisadas aqui aparecem os mascarados (homens vestidos de mulheres ou «de almas do outro mundo», fronhas de renda na cabeça a fazer de caraça ou máscara, e tanta outra cousa que a ingenuidade artistica inventa e descobre...), as tocatas, de ferrinho, réque-réques, cavaquinho, flauta, e, nos ultimos lustros, o mais moderno armónico.

Tem seu lugar certo o namorado: à mão esquerda da

espadeladeira. Ai! da chacóta que leva o desajeitado que se coloca à mão da espadela...

(À refeição servida «de rodada», num açafate, na espadelada, constando geralmente de sardinhas fritas, pão e vinho, chama-se nalgumas partes *ceinho*).

A estriga é passada duas vezes; a primeira «corrida» chama-se de *casçar* ou *debouça* (e dá os tomentos de *casçar* ou de *debouça*); a segunda, de *colher* ou de *alimpa* (e dá os tomentos de *colher* ou de *alimpa*).

Diz-se também *derrear* ou *abaixar*, da primeira passagem — e *ajuntar* ou *alimpar*, da segunda.

(Nalgumas partes chamam à manada que se espadela, *tasquinha*, e daí espadelar, tasquinhar, tascar ou tirar os tascos).

13

Assedagem

Restelagem ou *assedadura*. Novo trabalho na vida do linho. Consiste em serem passadas as fibras, porque da espadelada ainda não saíram perfeitamente limpas da estopa, lisas, direitas e sem arestas — no *sedeiro* e *restelo* que são uns rudimentares pentes (às vezes é um só) com dentes mais afastados (*restelo*), e mais próximos (*sedeiro*), onde as estrigas são cuidadosamente penteadas.

À estôpa que sai da primeira operação chama-se *estopa restela* (e até simplesmente estôpa) e à outra, *estopa sedeira* ou *estopinha*. Também chamam ao linho assedado, *maranhos* ou *cabeças* (desconheço o nome no Alto Minho).

(Mais adiante, num mapa, veremos os enormes desperdícios de tôdas estas operações e suas percentagens respectivas).

14

Fiação

E vai então o linho e a estôpa (e os *tomentos* para castigar as pobres crianças...) a fiar. E aqui se fia, em tôda

a Província, como no tempo dos romanos, quando nas campas das matronas virtuosas se esculpia a róca e o fuso (1).

Nos bons tempos antigos juntava-se a família à lareira, nas longas noites de Inverno (e a família eram as senhoras da casa e as criadas, parte integrante da família, as moças, como se diz em minhoto ao que os códigos denominam «domésticas» e as respectivas associações de classe francesas, «empregados de casa») — e fiavam toda a vigilia, enquanto conversavam, contavam histórias e História, e rezavam.

E assim se amontoavam os extensos, os magníficos bragais caseiros, orgulho de tôdas as casas minhotas.

Também de dia, nos trabalhos de campo como guardar gado e outros, raparigas e velhas fiam, pelos campos, pelos caminhos, pelas bouças, pelos outeiros, ou a caminho, levando o jantar ao *hóme*.

Hoje fia-se menos fino que antigamente e em parte devido à qualidade da fiadeira e não à do fiado.

Para não relatar factos caseiros, sem fácil *contrôle*, citarei a Casa dos Linhos (2), de Guimarães (de que adiante terei ocasião novamente de falar), *onde para certo linho fino só há uma fiadeira* (e aliás um tecelão) *capaz de o fiar nessa finura*.

As rócas variam muito — embora ligeiramente, e só sob o ponto de vista etnográfico e folclórico interessem as variantes. Mas no Minho não as há de tão finos e curiosos labores como na vizinha Província de Trás-os-Montes.

(Na minha companhia recolheu nos arredores de Miranda do Douro uma preciosa coleção de rócas trabalhadas, o actual Conservador do Museu de Bragança onde podem ser vistas).

Dantes as Senhoras Fidalgas tinham fusos ricos, até de pau santo.

Devo aqui declarar, nesta altura do meu trabalho, que o linho vendido ou entregue em *pensões* é-o geralmente antes de fiado.

O linho sai mais perfeito fiado à mão que à máquina

(1) V. g. a estela funerária de Museu de Santarem.

(2) Do Sr. J. P. Teixeira de Abreu & C.^a

(dizem os modernos tratadistas) devido à acção da saliva humana que nenhum produto consegue igualar!

Em Portugal *não há nenhuma fábrica de fiar o linho mecanicamente* — e todo o fio empregado na indústria portuguesa, tódo êsse nosso linho de Guimarães, rendas de Peniche, trabalhos artísticos de Viana do Castelo, *é importado do estrangeiro*.

Refere-se a este facto, comentando-o nos devidos termos, o Engenheiro Melo Geraldês, no inquérito (1) que em 1912 por incumbência do Governo fez à cultura e indústria do linho.

Com a devida vénia desenvolverei o assunto no respectivo *Apendice* dêste trabalho.

O linho fiado transforma as estrigas de linho e os *manêlos* de estôpa em *maçarocas* saídas do fuzo que se substitui por um trôço de cana.

As fiadas fazem-se, em alguns pontos, com tóda a magnificência das espadeladas. Em Coura juntam-se as mulheres de cada aldeia ou lugar, numa sala onde se montaram bancadas em anfiteatro. O candeeiro, pendurado do tecto ou do *mancebo* (2), é dado por uma, e o petroleo (*gaz* se diz em minhoto) é pago por tódas, cotizando-se.

(É êsse candeeiro predestinado que leva a primeira *crócada* se há restólho, porque a *fiada* mete também namorados, conversados, cantigas ao desafio e córos, êsses lindíssimos córos a cinco vozes, corais minhotas a perder-se na ganga moderna, algumas das quais o ilustre Professor Gonçalo Sampaio tem felizmente recolhido).

15

Sarilho

para se fazerem as *meadas*. O *sarilho*, instrumento caseiro bem conhecido que adorna muita sala de solar minhoto (há-os

(1) Monografia sobre a indústria do linho. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1913.

(2) Suporte de pau com tórnos ou pregos (Paredes de Coura.)

de pau preto e marfim) consiste num eixo sôbre que se implantam quatro braços em cruz terminados por umas pequeninas forquilhas chamadas geralmente *pombas* ou *muletas* (Baixo Minho).

Na extremidade do eixo há um torno que imprime rotação ao sarilho.

A maçaroca é colocada num fuso que fica por baixo do sarilho.

A meada é geralmente formada por 10 a 12 maçarocas (na Ribeira Lima).

Cora e Branqueamento

Com sucessivas barrelas e coras sôbre a erva, ligeiramente humedecido (burrifado) é o linho córado e branqueado, perdendo a característica côr amarelada (a que se chama *ribó*).

A barrela (ou lexivia) é feita com água e cinza. Já o dizia o citado tratadista Luiz Soto-Maior que «no Oriente uma infusão de limões azedos basta para ir ao córadouro», no ocidente a brancura depende das barrélas de bôas cinzas e da qualidade das águas que sejam dôces, claras e pouco frias»...

Eram muito consideradas, pelos antigos, as cinzas de bôrras de vinho.

Em Alcobaça branqueavam na fábrica de esguiões e cambraias, pisando seis arráteis para quinze teias e eram pisádas numa dórna por dois homens.

Caseiramente, no Minho, faz-se a referida barrela de bôa cinza peneirada, a que às vezes se juntam *bóstas* (esccremento de animal vacum), o que não deve causar espanto pois é com essa argamassa que se véda na cosedura do pão de milho, a porta do fôrno...

Tôda a casa tem o seu córadouro de córar as roupas e

nomeadamente o linho que leva uns certos dias a córar, passando então as meadas à

17

Dobadoura

semelhante ao sarilho, mas dando a operação inversa, pois as meadas vão formar os *novêlos* (1), que são depois levados à

18

Urdideira

trabalho de alta complicação em que os fios são distribuídos em *oitos* por bocadinhos de canas espetados numa parede (2) e formando tórnos onde se enlaçam os fios.

Daqui, a urdideira, ou melhor a passadeira (quázi sempre a própria tecedeira), amontôa tudo num cêsto, em rôscas e serpentinas, para ir ao tear. Não sem antes marcar as varas a vermelho e a verde (esta côr é obtida com um talo de couve).

19

Tear

O tear caseiro minhoto é ainda o mais primitivo possível, todo de trabalho manual, é claro. Rara era a casa antiga que não possuía um — e ainda hoje por tôdas as aldeias há uma ou mais tecedeiras que vão pelas casas tecendo o bragal do linho caseiro, especialmente panos para lençoes e toalhas — e nada há que iguale, para toalha de rosto, o tecido de linho caseiro minhoto.

(1) Ao dobar o fiado das meadas, a pessoa que faz o serviço tem na mão uma tira de pano grosso para ir limpando as arestas que haja no fio que passa; chama-se-lhe, a essa tira de pano, *pódouro*.

(2) Também há urdidores, de táboas.

Geralmente o tear caseiro tece na largura máxima de 65 a 70 cm.; podendo, é evidente, construir-se para mais largura.

A Casa dos Linhos, de Guimarães, retro-citada, só trabalha e manda trabalhar em velhos teares manuaes, tendo-os até de 2,^m30 onde trabalham tecelões, pois é trabalho árduo demais para mulheres.

Aqui há anos escreveu-lhe um cliente a pedir uns lençoes de linho de 2,^m70 de largo, e a casa *construiu um tear de propósito para essa encomenda*, com a qual, evidentemente, não obteve lucros.

A teia vem da *urdideira* para o tear onde é carregada. Mediante um fio trama que metido em uma pequena maçaroca dentro da lançadeira, constantemente passa e repassa de um para o outro lado entre os fios do urdume que movidos pelas premedeiras estão constantemente revezados — forma-se o pano em uma só peça que pôde atingir o comprimento de 66 metros, isto é, 6 *tintos* ou *sinais* (antiga medida de 6 vâras).

Saído do tear o linho em peça é novamente córado, depois de uma barréla, também com água fervente, cinza peneirada e escremento de gado vacum.

Ao linho também se lhe dá uma côr mais escura para fatos completos, com um tinto feito com um cosimento de cáscas verdes de nozes, fôlhas e entrecasca de noqueira. (Usava-se mais antigamente no Baixo Minho).

Fio de Linho

Caseiramente se fabricam também (infelizmente cada vez menos!) fios de linho para substituir os de algodão.

Os fios do fiado mais fino são enrolados em dois fusos especiais, chamados *fuseiras*, que teem na extremidade um gancho de arame. Presos dois fios no gancho de uma fuseira, ao enrolar-se na outra formam uma maçaroca. Fazem-se depois passar os fios por dois prégos pregados num barróte do tecto da casa, distanciados uns 30 cm. Pega-se nas duas fuseiras e

dá-se-lhes um movimento de rotação, em sentido contrário uma da outra, para forcerem os fios. Fica assim uma maçoça só de dois fios torcidos, formando um.

As fuseiras teem sempre espetado no fundo uma laranja ou uma batata, para facilitar o movimento e não saltarem no acto de lho imprimir.

(O linho vulgar também nas feiras se vende em maçoças, embóra mais usualmente em estrigas. No primeiro caso, em vez da noz à volta da qual se faz a maçoça, costumam usar antes uma pedrinha — presumo ingenuamente que para aumentar ligeiramente o peso...)

III

Vejamos finalmente, na *vida do linho*, as perdas que vai sofrendo nos seus diferentes lances — ás quaes nêste calvário doloroso da planta, bem poderíamos chamar *estações*.

Não me referirei aos preços, pois não só vivemos uns anos de inconstância de tabélas de salários, como o *linho*, indústria por excelência caseira, forçosamente tem de ser trabalhado por amor e não mercenariamente — ao menos no estado presente da sua cultura e processos de fabricação.

Pessoal e directamente *auscultei*, pelos conhecidos métodos monográficos que aprendi de meus falecidos mestres Marnoco e Sousa e Leon Poinsard, uma fréguesia rural da Ribeira Lima:

Freguesia de São João da Ribeira (Concelho de Ponte de Lima)

N.º de fogos: 414.

N.º de habitantes: 1667.

Área de linho semeado anualmente:

	hect.
Galego	1,680
Mourisco.	0,932

Medida regional: alqueire de 171,125 (um alqueire de linhaça para 400m², com 1/4 de alqueire de milho).

Produz 15 molhos de alagadouro de 10^k cada.

Vai perdendo:

No alagadouro e malha	45 ^k	30 0/0
No engenho	21 ^k	14 0/0
Na espadelada	8 ^k ,250	8,5 0/0
No sedeiro	8 ^k ,250	4 0/0

Vejamos agora, percorrendo os trabalhos e monografias que sôbre o assunto se nos oferecem, quais os números indicados.

No *Boletim Agricola* é-nos facultado um precioso trabalho do sr. Alvaro Teixeira Marinho da Cunha.

Toma uma área tipo, em Celorico de Basto, de 2.000m²

Semeia 20¹ de milho, 6¹ de feijão e 80¹ de linhaça.

Colhe 160¹ de linhaça.

Tira 300^k de linho curtido.

Quebra no engenho: $\frac{2}{3}$ = ficam 112^k de linho em estrigões

Dá 10 0/0 de maquia ao *engenheiro*.

Ficam-lhe 36 estrigões com o pêso total de 100 — que na espadelada se reduzem a:

Fibra para estopa e linho	44 quilos
Tomentos de debouça	11 »
Idem de alimpa	5 »
Arestas e tomentos não aproveitaveis	40 »
	<hr/>
	100 quilos

Na restelagem ou assedadura os 36 estrigões dão 432 estrigas com a seguinte designação e pêso:

1.296 estrigas de linho a 10 grs.	12,960
1.296 manelos de estopa bragal a 15 grs.	19,440
1.296 manelos de estopa sedeira a 5 grs.	6,480
Desperdicios em arestas	5,120
Todal	<hr/>
	Quilos 44,000

O Engenheiro-Agrónomo Fialho, no seu bem elaborado estudo sôbre o linho, no já citado *Boletim*, dá as respectivas percentagens de perda:

Perda no engenho	30 a 35 0/0
Espadelagem	5 0/0
Assedagem	5 0/0 (1)

Devo ainda acrescentar que a percentagem do linho colhido por hectare varia muitíssimo, quer em *filassa* quer

(1) Bol. de Est. e Inf. Agricola. Ano III, n.º 2, Fevereiro 1929.

em *baganha*. Varia ainda no comprimento da fibra, que vai de 0,30 (o mais usual hoje entre nós, infelizmente), a 1,30 nas boas variedades de Riga, por exemplo. E cito orgulhosamente o caso de um conhecido e estimavel lavrador da Maia (1), esse admiravel suburbio rural do Porto, que hoje deixou de colher linho por não ter quem o fiasse mas que ainda há poucos anos obteve filassa com 1^m,10 de comprimento de fibra, com semente vulgar e não seleccionada colhida na região.

Bastará relatar ainda que o rendimento de 800 quilos de filassa é considerado normal para a cultura francesa — e na Russia obtinha-se com dificuldade 250 quilos.

(1) O meu particular amigo Augusto Simões, presidente do Sindicato Agrícola da Maia, progressivo lavrador e notavel propagandista agrário.

por diversas vezes ainda no tempo da guerra, em 1918, que foi
 de 250 (o mais usual) hoje chegou a 1.500 nos
 bons estabelecimentos. A lã é produzida em
 o caso da Suíça, a lã é produzida em
 esse ambiente, e o lã é produzida em
 e o lã é produzida em
 e o lã é produzida em
 e o lã é produzida em

Bastante comum ainda que o lã é produzida em
 de lã é considerada normal para a cultura francesa -
 na lã é produzida em
 e o lã é produzida em
 e o lã é produzida em

e o lã é produzida em
 e o lã é produzida em

e o lã é produzida em
 e o lã é produzida em
 e o lã é produzida em
 e o lã é produzida em

e o lã é produzida em
 e o lã é produzida em

e o lã é produzida em
 e o lã é produzida em

e o lã é produzida em
 e o lã é produzida em

DESASTRES NOS LINHARES

Doenças e parasitas há que atacam os linhares.

Felizmente entre nós são muito raros, uns e outros.

Não há memória da *cuscuta* (que aliás aparece nos nossos montes e tojeiras) aniquilar um linhar.

A própria *acama* se faz sentir pouco.

O *flax wilt* ou *flax sick soil* dos Estados Unidos, que Bolley reconhece ser causada pelos *fungi imperfecti*, *Fusarium Lini Boll* — ainda por êle não demos.

Algumas vezes sofremos da *queima* — e se é, como tudo leva a crer (mas nada afirmarei sem ouvir a sr.^a D. Matilde Bensaude) a conhecida *brulure* das regiões liníferas francesas e belgas, que o Instituto Agrícola de Gemblou (Belgica) demonstrou ser causada por um cogomelo parasitário *Asterocystis*, não admira a sua pouca eficácia na nossa Província, pois está também provado que se desenvolve melhor nos meios alcalinos (e as nossas terras, de cal só têm *vestígios*).

Também é pouco conhecida entre nós a *ferrugem*, embora ataque algumas vezes os linhares minhotos, certos anos, com intensidade.

Ignoramos o *melampsora lini*. Resta-nos êsse inimigo bem conhecido e tradicional e já citado por outros tratadistas: a *toupeira*.

Os nossos linhares raro sofrem prejuizos totais — e nem êsses *altizes* tão temiveis dos linhareiros franceses e belgas, nos atacam.

Creio desconhecidos entre nós os males de que fala Demois: *miellat, le rouge, le jaune*.

Bem sei que numas experiências de um amigo meu, ano passado, no *Instituto de Agronomia*, em Lisboa, o *mildio* lhe deu cabo de toda uma sementeira — e a *cuscuta* de outra, por completo...

Mas também à medida que se aperfeiçoam os estudos

viti-vinícolas vão surgindo as doenças—e nos países progressivos são conhecidas (eram-o já aqui há anos) 40 doenças da vinha—e nós ainda estamos muito atrasados em relação a êsses países, até no numero de doenças...

Assim será na nossa rotineira e antiquada cultura do linho!...

CONCLUSÕES

Do estado actual da indústria do linho em Portugal podemos repetir o parágrafo que vamos citar, do Engenheiro Manuel de Melo Nunes Geraldês, por portaria de 9-9-912 encarregado de um inquérito à indústria do linho no distrito de Braga.

« Com relação à indústria do linho direi que se apresenta sob dois aspectos gerais, quais sejam, o de *Indústria manual* debaixo do qual constitui indústria no sentido mais lato do termo, e que, conquanto interessante, se acha em decadência, e o de *Indústria mecânica* que não obstante se encontrar florescente, pode dizer-se reduzida à tecelagem, e assim, em absoluto tributária do estrangeiro no que respeita a matéria prima ».

O Estado, de acordo com as organizações agrícolas (incipientes ainda no nosso país, mas já com o mais brilhante *palmarés* de feitos, como sejam os sindicatos agrícolas) e as estações e postos agrários regionais, por meio de *seleccionamento de sementes e prémios de cultura*, além dos *conselhos culturais* (especialmente adubações e correctivos adequados à região), deveriam promover o fomento desta tradicional e tão arreigada cultura minhota que a nada sucumbe e vai vivendo contra tudo e todos—e de todos desajudada.

Trate-se pois de obter primeiro, sem ser apenas esporadicamente em campos de experimentação, filassa tal que possa dar torcedura igual à antiga—e como a da filassa estrangeira,

Além da fibra nacional actualmente ser de 0,35 a 0,40, quando a estrangeira chega a mais de metro, o fio nacional não dá torcedura de mais de 30 e as casas estrangeiras fornecem às nossas fábricas fio até 120.

O proprietário da Casa dos Linhos, de Guimarães, já citado, enviou amostras de fibra nacional para Barcelona e

para Irlanda (à Bessbrook Spining, de Belfast). Não deu torcedura mecânica superior ao n.º 40 (1) e isto com enorme percentagem de resíduos.

Como criar assim a fabricação industrial de fio nacional que não existe?

Isto não obsta a que se vão fomentando os linhos grosseiros, as lindíssimas e tão portuguesas *estôpas* e as nossas formosíssimas *rendas de fio nacional*, tais como as de Peniche e Vila do Conde (actualmente impulsionadas e revigoradas com notável calôr e brilho), e as de Viana do Castelo.

Fomente-se a cultura do nosso linho minhoto, tendendo a melhora-lo—pois com o que temos, com o que ainda sabemos produzir, ainda podemos fazer muito: ao menos, não o deixar morrer.

Se os *característicos bordados de Viana*, são feitos com linho estrangeiro adquirido por via de Guimarães, não há razão para que essa nova indústria portuguesa que mãos femininas têm levado tão alto e tão longe (e com um pouco de ajuda tomaria tão natural expansão e incremento)—não há razão para que não empreguem exclusivamente *estôpas* (a velha *stupa* de que falava Plínio...) minhotas, rudes, grosseiras, nossas.

Há uma tendencia de revigoroamento do tradicional traje típico regional.

Directamente ligado a êsse problema está a cultura do nosso linho.

Se o linho caseiro, o linho que produz o bragal caseiro, se deve ir fomentando e não deixando recuar mais que ao ponto onde está—equilíbrio entre a cultura e o mínimo de gastos caseiros—mesmo para o mercado ainda o fabrico manual vai tendo procura e saída.

(1) Esta numeração do fio é a inglesa, empregada também em França. A unidade do comprimento é de 300 jardas e a de peso uma libra (453 gramas).

Se as 300 jardas pesam uma libra, temos o n.º 1—se precisa de duas peças para o peso de libra, n.º 2, e assim sucessivamente.

Citarei um notável exemplo:

Em Guimarães vi duas toalhas de mãos, idênticas na aparência e nos labores: uma, de fio nacional, fabricado por processos manuais, vendia-se a 49\$00—a outra, tecida mecanicamente, a 11\$00. Pois há muito quem compre as de 49\$00!

O típico *pêlo de cão* dos arredores de Guimarães, essas grossas, pesadas colchas de linho não branqueado, continuam cada vez mais a ser pedidas pelo Brasil, onde a saúde do lar natal não morre nunca no coração do emigrante... Das toalhas e colchas de felpo, o mesmo direi, e do bordado de *recheio* e de *crivo*.

Não falarei já das grosseiras e baratas estôpas e tomentos (tão lindos, palhetados de ouro!), que no mercado chamam *estôpa grossa singela* se é de tomentos, e *grossa dobrada, fina singela* e *fina dobrada*, à estôpa propriamente dita—e de que se faz ainda larga exportação para a Província de Trás-os-Montes, mas apenas para albardas, panais de azeitona e sacos de azeitona e de amendoas.

E por rídiculos preços de 3\$50 a 5\$00 o metro, consoante o qualidade!

Três problemas temos pois de enfrentar—ou melhor, três faces do mesmo problema:

CULTURA PRÓPRIAMENTE DA PLANTA.

INDÚSTRIA CASEIRA.

INDÚSTRIA MECÂNICA.

Para a primeira já apontamos as panaceias—pediremos ainda e para já, *abolição de todos os estorvos burucráticos e de contribuições*.

Urge a *abolição do imposto sobre engenhos*—e do rídículo imposto de 14\$00 (ou serão sómente legais 2\$00 + 2\$00?) visto incidir sobre qualquer *quantidade de linho macerado*. Se é para obstar aos inconvenientes da maceração, incida então o imposto sobre a grande quantidade e permita-se um *mínimo gratuito por casal*.

Estas mesmas considerações as compreendeu ao visitar a região, estudando de perto este assunto, o Director da Repartição de Estatística Agrícola.

Com esta e com semelhantes medidas de protecção (que aliás ao Estado nada custarão pois não sensibilizam a balança orçamental, por ínfimas...), *salvaremos a indústria caseira.*

E já o tratadista Luís Sotto-Maior, falava no séc. XVIII, em escolas de fiação e mestras de fiação!...

Como avançamos a passo de caranguejo, do grande século para cá!

É que dentro em pouco, já ninguém sabe fiar!

Aqui fica o grito de alarme.

E preconizem o revigoramento da cultura do linho, aqueles que pelo seu lugar e posição são ouvidos: o Pároco e o Professor, esses dois formidáveis elementos de tão altas e gráves responsabilidades adentro dessa segunda célula social, a Freguesia.

Quanto à indústria mecânica, já um pouco fóra do âmbito deste estudo, *tudo depende em Portugal da possibilidade da criação de uma fábrica de fiação.*

Isso representaria então, mesmo dado o estado actual da nossa indústria, *uma economia de alguns milhares de contos anuais.*

Apenas uma leve referência ao fabrico de papel fino, o chamado papel de linho—actualmente feito de trapos de linho, estando em experiência o fabrico de papel de filassa de linho cultivada para baganha.

Não falarei na algodonização do linho, processo já lançado pelo Chevalier Claussen em 1851 e que segundo as melhores autoridades irlandesas (*Irish Linen Board*) «só se recomendava por transformar bom linho em mau algodão...»

É que não é só de hoje e a dentro fronteiras a decadência do linho...

Com a diminuição da navegação á vela por um lado—e os inventos de Arkwright, Hargreaves e Crompton no fim do século XVIII sôbre a indústria do algodão, o linho sofreu rudíssimo golpe.

(Devido à necessidade de maceração ou congénere opera-

ção, como em nota final se verá, não pôde industrialmente o linho combater com o algodão na facilidade e economia de processos). Felizmente:

- o nosso honrado caseiro minhoto vai comendo o seu caldo e a sua brôa em linda toalha de linho e lavores singelos.
- quando vai levar o jantar ao marido, toda a mulher da aldeia tem o cuidado de o cobrir com fresco pano de linho;
- a arca está sempre atulhada (ou pelo menos um bom par deles lá está no fundo) de lençóis de linho ou fina estôpa;
- há lá casa que não se orgulhe de umas toalhas de mãos, de ingénuas armas reais (ou do império do Brasil);
- são as rendas, o fino tecido, os lavôres que cobrem o cesto do dia de feira ou feirão. Todas fazem chieira na mais linda toalha.
- O nosso rude caseiro ainda sabe que lhe dura dez vezes, vinte vezes, incomparavelmente mais, a camisa de estôpa que a de riscado ou de todos esses mil nomes que lhe dá o mercador vilão;
- e as cordas de linho que manda fazer na *fabrica — uma conheço eu à beira da estrada de Ponte de Lima a Paredes de Coura que ainda vai trabalhando quando calha*—são as melhores:
- o linho não lhe tira cultura e até lhe dá melhor milho porque é muito menos sujeito á *bicha*.

Senhores Governantes do meu País; Senhores Dirigentes da minha terra, Chefes, Directores de Associações Agrícolas e Comerciais, Mulheres de Portugal, Homens Bons do meu torrão—ajudai a levantar, é ao vosso patriotismo que falo, a cultura do linho em Portugal!

NOTA:—Ao Estado não ousou lembrar (ou talvez o desconheça) a *Irish Linen Board*, o *Comité Linier de France*, os concursos e os congressos linhareiros!...

ADENDA

Maceração

As fibras da planta do linho estão ligadas entre si por uma matéria insolúvel que já os antigos denominaram *goma-resinosa* e só pela maceração na água ou ao relento, se desagregam.

E essa operação que apresenta mais dificuldades para a industrialização do linho, pois todas as outras se podem fazer em qualquer altura e com a rapidez e simplicidade dos processos modernos.

A maceração, porém, necessita épocas especiais do ano, pois está provado de longa data que necessita também certa dose de calôr.

Daí—da dificuldade deste problema, os estudos para a mecanização desta operação.

Seria longo, seria moroso, seria deslocado neste trabalho, toda a história dessas múltiplas tentativas.

Vejamos apenas o ponto em que a questão está actualmente.

A substância gomo-resinosa é a *pectose* que pela acção de micro-organismos se transforma em *pectina* solúvel e outros produtos diversos (ácido pectivo que se coagula dando aquela espécie de verniz brilhante de certas filassas de boa qualidade, etc.).

Não só o microscópio mostrou a presença de micro-organismos na maceração, como se experimentou, sem efeito, macerar filassa esterilizada também.

Tratou-se de descobrir qual o micróbio destas duas diástases—e ainda hoje, segundo Kayzer (1), parece verdadeira a opinião de Duclaux, de que «muitas espécies microbianas gozam a faculdade de macerar certas plantas textéis», e que ainda a ciência não disse a ultima palavra... como sempre.

(1) E. Kayser — *Microbiologie appliquée á la transformation des produits agricoles*. Paris, 1921.

Van Tieghen descobriu em 1879 a *Bacterium amylobacter* (de que já nos fala um trabalho de 1890 da nossa Direcção Geral de Agricultura (1)).

Stampa declara porém em 1931 (2) que a maceração industrial amilobactérica pertence à historia... não contemporânea.

Numa palavra, descobertas um sem numero de bactérias, pretendeu a ciência activar a maceração introduzindo em tanques, onde se fizesse a maceração nas fábricas, uma cultura da mais ideal e eficaz espécie microbiana.

Descobriram-se *bactérias aeróbias* que produzem a chamada *pseudo-maceração* industrial, umas mais eficazes que outras — especialmente e com resultados práticos, a *B. Comesii Rossi*.

Parece provado que as aeróbias dão uma pseudo-maceração diferente, nos seus resultados, da *maceração rustica vulgar*.

O método Rossi empregou-se em vários estabelecimentos de França e Grã-Bretanha, com certo exito, até 1922.

Além das bacterias *aerobias propriamente ditas*, há as *anaerobias facultivas*, às quais pertence o velho *B. Amylobacter* e muitos outros — e finalmente os *anaeróbios propriamente ditos* aos quais pertence o *Bacillus felsineus Carbone* e alguns outros, poucos.

(Há ainda os *maceradores termófilos* de certas águas termais italianas, ainda mal estudados e isolados).

É com o *B. felsineus* que hoje mais e melhor se trabalha na prática.

O « Instituto Sieroterápico Milanese » de Italia, prepara as culturas do *B. felsineus*, vendendo o produto sob a forma líquida (*Felcinozyma*) e em pó (*Felcinizyma seco*). Êste é 10 vezes mais concentrado que o primeiro resiste aos climas quentes e é mais fácil de transportar.

Esta levedura é misturada nos recipientes de maceração

(1) *Op. cit.*

(2) *Rev. Int. de Agriculture*, Fevereiro, 1931 — Roma.

na proporção de 3 a 10 litros por quintal de planta textil. Durante a operação deve manter-se a temperatura de 25°-28° a 37°-38° centígrados.

Em França tem-se usado, inclusivamente com a experiencia e aprovação dos serviços agrícolas governamentais, o processo Feuillette, que apenas consiste em fazer a maceração pela água, cuja temperatura e colocação de filassa estejam em condições óptimas para o desenvolvimento das espécies microbianas.

Pelo método Feuillette a filassa também é secada por processos mecânicos, logo após a maceração.

É curioso este estudo (que muito tem dado que fazer aos sábios e aos prelos...) pois esta é a grande dificuldade da industria do linho, porquanto o algodão e a lã se podem trabalhar rapidamente e sem interrupção, a ponto de, ainda há semanas, na Grã-Bretanha, no condado de Surrey (se a memória me não atraíçoa e segundo o relato das gazetas estrangeiras), em *três horas e tal* se ter completado um *fato de roupa desde a operação da tonsura da ovelha*. O que corresponde aos 14' da montagem de um Citröen, aliás pela sistema Ford — e o que nos mata, a nós agricultores portugueses que vivemos as condições económicas do século XVIII na *simbiose* (vá lá o termo, que vem a propósito neste capítulo...) das condições financeiras da triste actualidade!

Giesta

Já agora, lembramos ás estancias nacionais competentes (formula vaga que em Portugal nunca resulta) que se está desenvolvendo na Italia sob os auspícios da *Lavorazione Industriale della Ginestra* (L. I. G.), a exemplo da qual a Espanha montou uma recente sociedade anónima que ainda não encetou todavia a exploração — a utilização da fibra da giesta como planta textil.

Há em Portugal grandes extensões, nesta região minhota por exemplo, de giesta que é unicamente usada para camas de gado dando um estrume de muito inferior qualidade, lenhoso, embora fortemente azotado.

Chegou a formar-se uma sociedade minhota para a utilização da giesta e do pinheiro no fabrico do papel — não indo por diante por falta de ajuda e absoluta guerra e indiferença de todos.

Terá chegado talvez a ocasião de se fazer alguma coisa por essa enorme riqueza improdutiva nacional!

Notas várias

Pelo relatório Oficial da Exposição Industrial de Filadelfia, de 1875, vê-se que os linhos que Portugal lá enviou, rivalizaram com os melhores do mundo, como indica o seguinte gráfico de *resistência*:

Linho de Riga	261,2
Linho de Cairo	262,1
Linho do Minho	259,0

e *elasticidade*:

Riga	2,59 0/0
Cairo	2,63 0/0
Minho	2,10 0/0

O ilustre Prof. Carlos Eugénio Melo Geraldés (que aliás em 1914 no 3.º Congresso Internacional de Agronomia Tropical, realizado em Londres, apresentou uma proposta para o método de apreciação da fibra do linho por classificação de *pontos*), realisou no I. S. A. as seguintes experiências com 2 amostras de linho estrangeiro e outra de linho do Minho:

Linho estrangeiro

	Resistência		
	Máxima	Mínima	Média
Amostra n.º 1	259 grs.	254 grs.	256,75
Amostra n.º 2	258,8	252	253,3
<i>Linho do Minho</i>	255,5	250,5	252,75

	Distensão		
	Máxima	Mínima	Média
N.º 1	2,56 0/0	2,30 0/0	2,45 0/0
N.º 2	2,56	2,16	2,36
Minho	2,40	2,06	2,22

*

Tem-se usado na Belgica e na França o bagaço de linho, em *tourteaux* para engorda de gado, e ainda como adubos cujo valor é:

Azote	5 0/0
Acido fosfórico	1,8 0/0
Potassa.	1,3 0/0

*

O Grande Carlos V dizia: «O país será rico enquanto deixarem aos flamengos terras para cultivar linho, dedos para fiar e braços para o tecer». (cf. Renouard, op. cit.).

*

O já citado grande tratadista Renouard, Fils, mostrando a proverbial ignorância geográfica do francês, apenas se refere, nos seus extensos tratados, a Portugal, para declarar que aqui se cultiva o linho em *Beja* e arredores de Lisboa (!); que seria uma maneira de aproveitar as grandes planícies da *Alenteja* (!) e que em Portugal o linho se chama mourisca (*sic*)! Acrescenta ainda que as rendas de Peniche fazem muito triste figura (*bien maigre figure*) ao lado dos produtos belgas e franceses.

*

Todas as roupas brancas de altar e de igreja são obrigatoriamente de tecido de linho.

A produção mundial de linho no ano de 1930 foi de 1.320 milhares de quintais de *filassa* representando 280 mil hectares, e 29.723 milhares de quintais de *baganha* representando 6.192 mil hectares de cultura.

*

As páginas que Antero de Figueiredo dedica ao linho, nas suas *Jornadas em Portugal*, são das mais belas da literatura portuguesa — e mostram bem como essa cultura e indústria caseira estão ligadas à gente portuguesa.

*

Existe uma família no concelho de Barcelos que possui um bragal, só em teias de linho caseiro, de 20.000^m (vinte quilómetros, quatro légoas!) que vem acumulando há gerações nas suas arcas tradicionais caseiras. É hoje seu representante, e dêsse bragal proprietário, o meu querido amigo Dr. F. Salazar.

*

Há romarias minhotas onde é costume levar *linho*, geralmente em estrigas (como a S. Bartolomeu do Mar *galos pretos* que chegam a juntar-se ás centenas no dia da festa, *telhas* a S. Ovidio, etc., etc., etc.).

A de Santa Marta das Cortiças (certamente corrupção de cortiços) em Esporões, cêrca de Braga, é uma das mais importantes. Depois vende-se em leilão a enorme porção de linho que a Santa recebe de esmolas e promessas.

*

Anda o linho ligado ao cancionero minhoto. Algumas amostras colhidas:

Nossa Senhora tem linho,
Quem tem linho tem linhaça;
Os anjos do Céu me levem
Para a sua divina graça.

A Senhora da Peneda
Tem o linho na montanha;
O vosso linho, Senhora,
Todo o ano dá baganha.

Êste linho é mourisco,
A fita dêle namora;
Quem aqui não tem amores,
Tire o chapéu, vá-se embora.

Meninas da outra banda
Já não sabem fiar linho;
Andam de caixa em caixa,
A vêr se a malga tem vinho.

Casai-me, meu Pai, casai-me,
Que eu já sei fiar na roca:
Cada dia fio um fio
Cada ano uma maçaroca.

Lancei linho no mar,
Só me nasceu uma beira;
Quando nasceram os homens,
Nasceu fraca sementeira.

O linhar vai acabado
Na derradeira maçada;
As mocinhas do ripanço
Venham dar a encamisada.

Se fôres ao mar pescar,
Leva redinha de linho,
Que logo ao primeiro lanço
Quero ser o teu peixinho.

Minha roquinha de cana
Fia linho assedado,
Para fazer umas calças
Ao meu amor que é soldado.

Quem me dera ser o linho
Que vós na roca fiais,
Quem me dera tantos beijos
Como vós na roca dais.

A rainha de Castela
Anda fiando na roca,
Tem n'a teia no zangalho
E só tem uma maçaroca.

Serra-se a porta,
Fecha-se o postigo,
Dá-me o lenço, Aninha,
Que eu venho tão ferido.

— Se vem tão ferido,
Póde-se ir embóra,
Que a minha portinha
Não se abre agora.

— Abre a porta, Aninha,
Dá-lhe pão e vinho,
E o pobre cego
Siga o seu caminho.

— Não quero o teu pão,
Nem quero o teu vinho,
Só quero que Aninha
Me ensine o caminho.

— Põe-te a pé Aninha,
Carrega a roca de linho (*sic*).

Vai c'o pobre cego,
Ensina-lhe o caminho.

— Espiou-se-me a roca,
Acabou-se-me o linho,
Adiante, cégo,
Aí vai o caminho.

— Nem sou pobre nem sou cego (*sic*),
Nem côxo, nem aleijado,

Sou o Principe
que tu pretendias
P'ra teu namorado.

Respondeu ela: (*sic*)

— Adeus minha Mãi,
Adeus minhas terras,
Adeus minhas manas,
Que tão falsas me eras!

Minha roquinha
De pau de cortiça,
Diz minha mãe
Que eu tenho preguiça.

Minha roquinha
De pau de videira,
Diz minha mãe
Que sou (ou não sou) *fiadeira*.

BIBLIOGRAFIA

- Adubos e terras.* Mota Prego. Porto 1928.
- Arts textiles (Les)*, Alfred Renouard, Fils. Paris 1886.
- Buletin 1092 (Pedigree Fiber Flax).* Set. 1922. U. S. Depart. of Agriculture.
- Boletim de Estatística e Informação Agrícola (Ministério da Agricultura).* Lisboa 1929.
- Cultura do linho*, M. R. Godim. 1869 (I. S. A.).
- Cultura e maceração do linho.* (Direcção Geral de Agricultura). Lisboa 1890.
- Comité Linier de France (a) Instructions pratiques (b) (Concours liniers)*, 1890.
- Cultura do linho*, Duarte Pacheco (I. S. A. 1873).
- Culture du lin et préparations de la plante textile.* Ferrage. Toulouse 1877.
- Daily growth and oil contents of flax seeds.* A. C. Dillman. Journal of Agriculture Research. Washington (Sep. 15-1928). Separata.
- Dissertação inaugural.* Anibal Franco Barros da Fonseca. Lisboa, 1904.
- Enciclopædia Britannica*, 11th ed. New York, 1911.
- Études sur le travail des lins*, Alfred Renouard, Fils. Paris s/data (1875).
- Fabrication et raffinage des huiles vegetales*, J. Fritsch.
- Fibras textis e cellulose*, Pio Correia.
- História Economica de Portugal*, Francisco Antonio Correia. Lisboa, 1931.
- Irish linen.* Crawford, 1910.
- Labor da Grei (O).* Guimarães, 1928.
- Lin, culture et rouissage.* G. Demoos. Paris, s/data.
- Lin (Le), sa culture et son industrie dans l'Europe occidentale.* Lazarkeuwitch Paris, 1925.
- Lin en Portugal (Le).* Lisbonne. Imp. Castro Freire, 1878.
- Lin (Le).* F. Michotte. Paris, 1929.
- Linho em Portugal (O).* Fradesso da Silveira. Lisboa, 1872.
- Manual do Operario (Fiação e Tecelagem).* Henrique Syder. Lisboa, 1905.
- Microbiologie.* E. Kayser. Paris, 1921.
- Monografia sobre a industria do linho.* Manuel M. Nunes Geraldés. Coimbra, 1913.
- Memorias de Jacome Ratton.*
- Memorias sobre a Industria do linho e algodão no Distrito de Beja.* Lisboa, 1863.
- Plantes industrielles.* H. Hitier. Paris, 1905.
- Plantes industrielles.* H. Hitier et R. de S. Maurice. Paris, 1913.
- Plantes industrielles.* Heuzé. Paris, 1983.
- Plantes de grandes cultures*, Damseaux. Bruxelles, 1894.
- Portugalia*, Sousa Viterbo.
- Provincianismos minhotos.* Alberto V. Braga. Guimarães, 1920.
- Relatorio final de curso.* J. Correia da Silva. 1914. I. S. A.
- Revista de Guimarães.*
- Revue Internationale d'Agriculture.* Rome, Fev. 1931.
- Textiles vegetaux (Les).* J. Beauverie. Paris, 1913.
- Taboas sinopticas para o exame e análise de algumas fibras, fios e tecidos.* Arménio Monteiro. Lisboa, 1907.
- Tese final de curso.* A. A. T. Silva Menezes. Coimbra, 1891.
- Tratado instructivo da mais útil cultura, fabrico, efeitos e comercio de linhos.* Luiz Antonio de Freire Seixas Sotto-Maior. Lisboa, na Imprensa Regia, MDCCCIV.
- Tradições e usanças populares.* A. V. Braga. Guimarães, 1924.

biblioteca
municipal
barcelos



63487

A vida do linho